

1. Conan, o cão

Meu nome é Igor, tenho doze anos e portanto sou considerado uma criança. Minha vida se resume a um montão de obrigações, regras e proibições. Muitas proibições. É por isso que, vira e mexe, eu me enfio debaixo da minha escrivaninha. Só aqui consigo encontrar saídas para os dilemas do meu dia a dia. Até pouco tempo, quando as coisas não



Isso para mim foi a gota d'água. Não era como se eu estivesse pedindo para ir ao shopping ou quisesse ganhar um brinquedo qualquer. Eu *precisava* de um bicho e resolvi que não ia sossegar enquanto não conseguisse um. Meus pais proibiram. Simplesmente disseram não, sem nenhum motivo, como todos os outros não anteriores. Eles não entenderam que daquela vez a situação era diferente.

aconteciam da maneira como eu queria, eu me sentia um fracassado. Claro que eu lutava, mas as forças opostas sempre eram muito maiores. Mas existe um momento na vida de toda criança em que ela decide dar um basta. Ela passa a combater os não que os adultos nos dizem. No meu caso, isso aconteceu quando completei sete anos. Comecei a minha luta contra as forças opostas quando me proibiram de ter um bicho de estimação.



Mesmo sabendo de todas as dificuldades que eu encontraria, decidi ir atrás do meu bicho. Eu enfrentaria a Dona da Casa, meu pai e quem mais fosse preciso. Eu estava determinado. Precisava somente de um plano e alguém que me ajudasse na empreitada. Quanto a isso, tenho sorte. A minha vó é a aliada perfeita para qualquer crise.

Vó Úrsula sempre me ajudou, até nas coisas mais proibidas e perigosas. Ela é doida de pedra. Sempre concorda com as minhas ideias. Ela foi a primeira pessoa a saber do meu plano. Durante um bom tempo, foi a única. Lembro da nossa primeira conversa, quando elaboramos nossa estratégia. Eu pedalei até a sua casa. Chegando lá, encontrei-a diante de um altar cheio de velas, rezando, compenetrada. Vó Úrsula tinha acabado de entrar numa fase mística. Entrei, pé ante pé, e esperei que ela terminasse. Quando acabou, ela me deu um beijinho e perguntou o que eu estava aprontando.

Contei o que eu pretendia aprontar. Ela ouviu calmamente e sugeriu que eu pedisse ajuda divina. Achei aquilo estranhíssimo. Vó Úrsula é uma mulher de ação. Em todo caso, perguntei se Deus costuma demorar para atender os pedidos. Ela respondeu que depende da intensidade da reza. Não era bem o tipo de ajuda que eu queria, mas como era conselho da

minha vó, achei melhor respeitar, meio a contragosto, mas segui a orientação mesmo assim. À noite, antes de dormir, eu me ajoelhava ao pé da cama e pedia que Deus mandasse um cachorrinho para mim. Noite após noite, durante meses eu rezei. De dia eu continuava tramando planos mirabolantes, que nunca funcionavam.

Nessa época meu pai ainda morava conosco. Um dia, durante o jantar ele disse:

– Ígor, temos uma surpresa pra você!

Na hora eu soube que Deus finalmente tinha ouvido as minhas preces e que eu ganharia o meu cãozinho. Ele continuou:

– Sua mãe está grávida!

Fiquei chocado. Eu tinha sido bem específico no pedido. Havia pedido um cachorro, até a raça eu informei. Eu queria um dálmata. Toda santa noite eu falava em voz alta, para não haver engano:

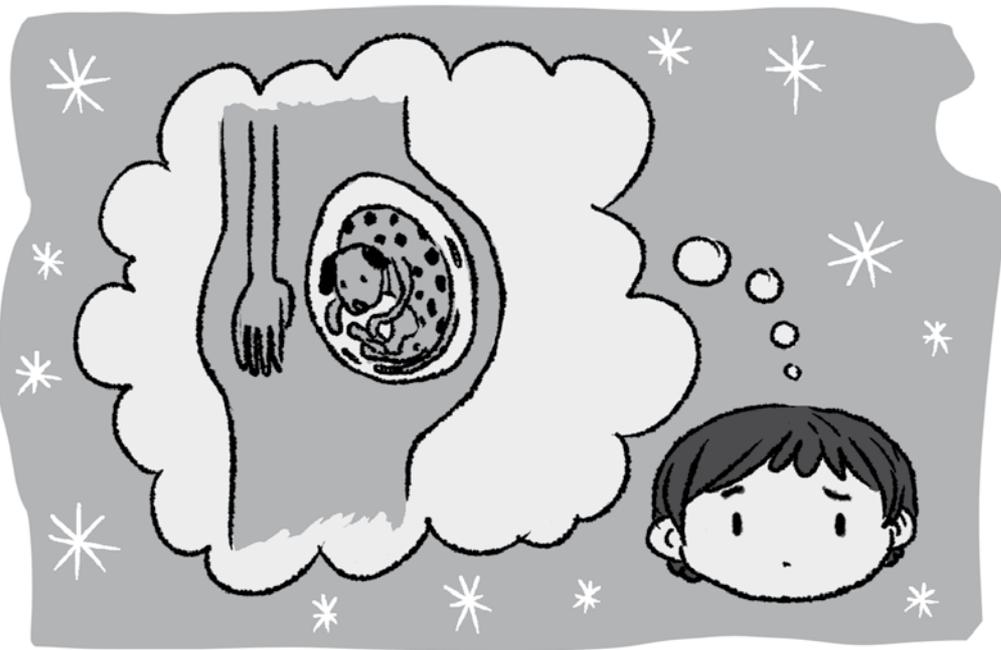
“Câmbio. Deus, aqui quem fala é Ígor, filho da Bia e do Pedrão, nascido em treze de junho, neto da Vó Úrsula. Meu pedido é: um cachorrinho, dálmata, macho e sem pulgas. É só. Obrigado, Ígor. Câmbio e desligo.”

Olhei para a minha mãe, que tentava disfarçar um sorriso encabulado. Dei-lhe um abraço e vim para debaixo da escrivaninha. Não conseguia

entender onde eu tinha errado. Eu havia feito tudinho conforme Vó Úrsula havia mandado, acreditando que Deus costumava atender pedidos do dia a dia. Ainda mais o meu, tão simples. Para quem já fez dinossauros, o que custava botar mais um cachorrinho no mundo? Alguma coisa muito estranha estava acontecendo. Então, como uma luz que acende – plim! – eu me dei conta do truque divino. Na verdade, eu teria um irmão-cão. Claro, pois, se o cachorro viesse de dentro da barriga da minha mãe, ela não teria como proibir. Genial! Deus havia percebido o quanto eu queria um cachorro e resolveu fazer um servicinho a mais, enviando-me um irmão-cão.

Era totalmente possível. Dias antes eu estava assistindo televisão quando apareceu um homem com rabo. Era um rabão enorme. O homem abaixou as calças em frente à câmera e mostrou aquele rabão peludo, grudado na bunda. Nunca imaginei que uma coisa dessas fosse acontecer na minha família, mas acontece. A própria Vó Úrsula vivia dizendo que Deus tem meios misteriosos de fazer as coisas. Solucionado o caso! Mesmo assim, mantive a cautela e não contei para ninguém. Primeiro, por ser um acontecimento esquisito. Segundo, porque ninguém ia acreditar em mim.





Acompanhei a gravidez de bico calado. Era apenas uma questão de tempo até o cãozinho estar completamente formado dentro da barriga da minha mãe. Passei meses imaginando como seriam meus passeios com Conan, o Cão. Esse é o nome que eu daria para ele, em homenagem ao meu pai, que me apresentou a esse antigo herói de revistas em quadrinhos.

Na verdade, quando vi minha mãe comprando roupinhas de bebê, senti um pouco de dó. Temi que ela ficasse decepcionada com a surpresa. Ela realmente acreditava que teria uma menina, coitada. Nem passava por sua cabeça ser mãe de um dál-mata. Por pouco eu não lhe disse a verdade, mas acabei me segurando. Apenas perguntei:

Mãe, você vai amar o bebê mesmo que ele seja diferente?





Claro. Vou amar esse bebê da mesma maneira como eu te amo.

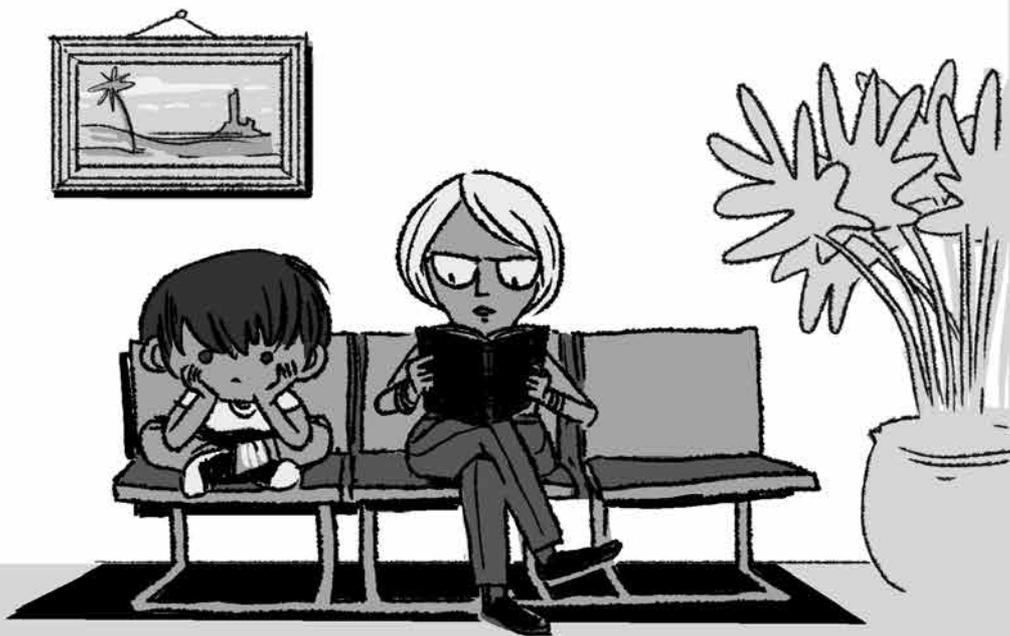
- Vou amá-lo mesmo que seja um monstrinho - ela respondeu sorridente.

- Que legal, mãe!

Eu tinha feito a minha parte. Informei, mesmo não informando diretamente, o que vinha pela frente. Confesso que fiquei impressionado com a reação dela. Não esperava que ela fosse tão compreensiva. Se eu soubesse, teria pedido um monstrinho, como ela mesma sugeriu. Seria até mais divertido que um cachorro. Mas agora era tarde. O bicho estava prestes a nascer.

Pronto, isso era tudo que eu precisava saber. Não tocaria mais no assunto, para não levantar suspeitas. Quer dizer... na verdade insisti um pouco mais:

- Mesmo que ele nasça com orelha, rabo, pelo, que nem na televisão?



Fui paciente, e, ao final de nove meses, meus pais foram para a maternidade. Fiz questão de ir junto e acompanhar o grande acontecimento. Aguardei sentado na sala de espera, junto à Vó Úrsula. Por maior que fosse a minha vontade de lhe revelar a surpresa, não falei um “a”. Quando a enfermeira me chamou para entrar no quarto, meu coração disparou.

– Você já pode entrar para ver – ela disse.

Pelo olhar da enfermeira eu soube que tudo tinha corrido bem. Minha mãe havia aceitado o cãozinho como um filho legítimo. Entrei correndo, pronto para pegar Conan, o Cão, no colo, quando vi minha mãe segurando um bebê humano.

– Cadê? – eu perguntei, espantado.

– Aqui, ué. Nesse embrulhinho – ela respondeu, sacudindo um volume cor-de-rosa.

Pulei na cama. Era um bebê de carne e osso, e o que foi pior: uma menina. Credo!

Aquele bebê passou a viver conosco. Levaram-na para casa no mesmo dia, com a maior naturalidade do mundo, como se nada de errado tivesse acontecido. Ela chorava que nem um bezerro desmamado. Todo mundo achou lindo. Obviamente eu tinha sido enganado, mas a essa altura do campeonato eu já estava louco para ter um cachorro. Fui direto ao ponto e pedi novamente, não para Deus, mas para a Dona da Casa. E o que eu ouvi como resposta?

– Agora, com um bebê em casa, não podemos nem pensar em ter cachorro.

Algumas crianças ganham cães, eu ganhei uma irmã. Fiquei arrasado. Foram meses desperdiçados... Parecia que eu estava fadado a morrer só.

Estava quase me conformando com a situação, quando um belo dia o bebê chorão calou a boca e, para o meu espanto, começou a engatinhar. Pela primeira vez aquele serzinho mostrava algum sinal de inteligência. Até então ela era um pacote que a coitada da minha mãe carregava de um lado para o outro.

Vendo Gabriela engatinhando toda desengonçada, fiz o que qualquer pessoa normal faria. Atirei um sapato em sua direção para ver se ela pegava. Se ela pegasse, eu a treinaria com um osso de plástico. E não é que a danada foi atrás do sapato? Parecia um milagre! Fiquei tão feliz que a partir desse dia passei a chamá-la de Conan, a Cadela. Durante os meses seguintes nós brincamos muito. Rolávamos no chão e conversávamos latindo um com o outro. Para onde eu fosse, Conan, a Cadela, ia atrás. Não tão ligeiro quanto eu gostaria, mas ia. Era uma companhia bacana. Eu a imaginava com orelhas flexíveis, caninos e a pele manchada de preto e branco. Nunca consegui botar uma coleira nela e levá-la para passear. Em compensação, ensinei-lhe alguns truques. Eu me divertia, de certa forma. Mas, para a minha tristeza, um dia Conan, a Cadela, aprendeu a falar. Daí não tive mais como fingir. Aquilo virou gente mesmo. É um horror.